I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VII SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO
IX SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA
17 a 20 setembro 2025
Políticas Públicas Educacionais no contexto da América Latina: desafios, resistências e perspectivas
Departamento de Educação DEDC-CAMPUS XII Guanambi
UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
NUPE Núcleo de Pesquisa e Extensão
PPGEduF Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente

ALÉM DA SALA DE AULA: UMA TRAVESSIA ENTRE O CHÃO DA VIDA E A FORMAÇÃO DOCENTE

Geane Ramos de Araújo Santos
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
geaner299@gmail.com
Vitória Gomes dos Santos
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
gomesvitoriags@gmail.com
Bruna Karolaine Alves Barbosa
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
bkarolaine09@gmail.com
Tadilla dos Santos Barbosa
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
tadillasantos2@gmail.com
Lidia de Teive e Argolo
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
lidia.argolo@gmail.com

FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES(AS) PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ÉTNICO-RACIAL, INTERCULTURAL, DECOLONIAL, ANTIRRACISTA, FEMINISTA E AMBIENTAL NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

Resumo

Este trabalho relata a experiência de uma aula de campo realizada de forma interdisciplinar, envolvendo as disciplinas do terceiro semestre do curso de Pedagogia da UNEB, Campus XII, em Guanambi. A atividade ocorreu nas cidades de Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas, possibilitando a articulação entre teoria e prática por meio da observação e análise de aspectos históricos, culturais, ambientais e pedagógicos. Durante as visitas, foram explorados temas como educação inclusiva, valorização das culturas afro-brasileira e indígena, sustentabilidade ambiental, patrimônio cultural e acessibilidade. A experiência com a Comunidade Quilombola de Barra, a Fazenda Vaccaro e espaços históricos da região ampliou a compreensão dos futuros educadores sobre a importância da inclusão

social, do respeito às diversidades e da preservação ambiental, fortalecendo seu compromisso ético e social para uma prática pedagógica transformadora.

Palavras-chave: educação inclusiva; comunidade quilombola; sustentabilidade; ecologia integral; formação docente.

1 Sentidos da vivência

O presente relato tem como objetivo compartilhar a experiência vivenciada durante a atividade de aula de campo que foi desenvolvida de forma interdisciplinar, envolvendo as disciplinas Metodologia da Pesquisa II, Núcleo de Pesquisa e Prática Pedagógica II, Educação Ambiental, Educação Inclusiva e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, todas cursadas no terceiro semestre do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XII, situado em Guanambi (BA). A experiência ocorreu nos dias 28 e 29 de junho de 2025, nas cidades de Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas, ambas localizadas no estado da Bahia, e contou com a participação de discentes e docentes das referidas disciplinas dos turnos matutino e noturno.

A aula de campo teve como objetivo promover uma vivência formativa que possibilitasse a articulação entre teoria e prática, por meio da observação e análise de aspectos históricos, ambientais, culturais e pedagógicos em diferentes contextos sociais. A experiência buscou ampliar a compreensão dos futuros pedagogos acerca da educação inclusiva, da valorização da cultura afro-brasileira e indígena, da sustentabilidade ambiental e das práticas educativas em espaços formais e não formais.

Justifica-se essa proposta pela importância de uma formação docente crítica, sensível e comprometida com a realidade sociocultural dos territórios visitados. A experiência permitiu o contato direto com comunidades tradicionais e com espaços históricos de resistência e preservação cultural, favorecendo reflexões sobre a diversidade, a inclusão, o direito à terra, a memória coletiva e a ecologia integral. Essa vivência fortaleceu a construção de saberes pedagógicos conectados à realidade, favorecendo o exercício de uma *práxis* educativa transformadora.

2 Territórios de aprendizagem

A aula de campo percorreu diversos espaços de aprendizagem nos municípios de Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas (BA), os quais nos possibilitaram múltiplas leituras da realidade social, cultural e ambiental da região. A diversidade dos locais visitados envolveu desde o diálogo com a ecologia integral no Centro Diocesano de Livramento até as expressões culturais e as lutas identitárias da Comunidade Quilombola de Barra, passando pelo patrimônio arquitetônico e natural do município de Rio de Contas.

O Centro Diocesano de Livramento de Nossa Senhora destacou-se como um espaço voltado a formações religiosas, sociais e comunitárias. Sua estrutura conta com auditório, salas amplas, área de jardim e espaços de convivência, o que nos proporcionou boas condições físicas para as atividades realizadas.

Em Rio de Contas, iniciamos o percurso pela Igreja de Nossa Senhora Sant´Ana, conhecida como Igreja de Pedras. Construída no século XVIII, trata-se de um importante marco religioso, histórico e artístico da cidade, cujo valor arquitetônico é notável pela técnica construtiva em pedra e pelo excelente estado de conservação do templo. O local representa para nós um espaço carregado de simbolismo, refletindo a fé e a resistência de gerações. Em seguida, caminhamos pelo centro histórico, onde pudemos apreciar a arquitetura colonial presente nos casarões, praças e edificações antigas. O ambiente urbano, repleto de memória, nos convidou à contemplação da cultura local, manifestada pelas fachadas, expressões religiosas e modos de ocupação dos espaços públicos.

A visita à Comunidade Quilombola de Barra, situada na zona rural de Rio de Contas, foi um dos momentos mais marcantes da experiência. O acesso à comunidade ocorre por uma estrada com trechos de difícil trafegabilidade, evidenciando a negligência histórica quanto à infraestrutura básica para comunidades tradicionais. Essa precariedade da infraestrutura reflete, de forma mais ampla, as dificuldades apontadas por Cardoso (2014), que destaca que as poucas políticas de assistência existentes na comunidade, seja no campo social, na saúde ou na educação, não estão sendo implementadas de forma efetiva, comprometendo o enfrentamento

das condições de vulnerabilidade e o fortalecimento da cultura e identidade local. Assim, a situação da infraestrutura precária revela a insuficiência de um compromisso governamental integral com a garantia dos direitos dessas populações, impactando diretamente sua qualidade de vida e autonomia. Internamente, observamos uma igreja católica, uma escola que oferece os anos iniciais do ensino fundamental, uma praça central, um posto de saúde e pequenos comércios voltados à produção artesanal.

Por fim, visitamos a Fazenda Vaccaro, localizada em uma área de mata nativa, onde arte, natureza e sustentabilidade se articulam em uma proposta singular de vivência sensível e ecológica. O espaço inclui agroflorestas, hortas comunitárias, piscinas naturais e trilhas, compondo um ecossistema de aprendizagem não formal que valoriza o contato direto com o meio ambiente.

Ao analisarmos esses espaços, notamos que, apesar de suas riquezas culturais, ambientais e históricas, apresentam desafios relacionados à acessibilidade. Nenhum dos locais visitados possui infraestrutura plenamente adaptada para pessoas com diferentes tipos de deficiência. As construções históricas, o terreno irregular, a ausência de sinalizações inclusivas e a falta de recursos de mediação comunicacional são aspectos que limitam a participação plena de todos os públicos.

Essa constatação está alinhada ao que apontam Lima e Duarte (2025), que destacam que o turismo deveria ser acessível a todas as pessoas, com ou sem deficiência, porém, devido à falha na implementação das políticas públicas, muitas vezes essas pessoas se sentem excluídas do direito de viajar com segurança, autonomia e comodidade. Kraemer e Thoma (2018) complementam ao afirmar que a acessibilidade deve ser compreendida não apenas como garantia de direito para o acesso e participação em espaços e práticas sociais, mas também como um imperativo do Estado que demanda a construção de um modo de vida inclusivo para todos.

Assim, nossa experiência reforça a necessidade urgente de pensar e implementar ambientes que garantam a participação plena de todas as pessoas, independentemente de suas

condições físicas ou cognitivas, promovendo, portanto, a inclusão social e a valorização da diversidade.

3 Vozes, trilhas e memórias

No primeiro dia da atividade participamos de uma roda de conversa com o Bispo Dom Vicente e vivenciamos um momento de grande aprendizagem e reflexão. Durante o encontro, fomos apresentados ao conceito de Ecologia Integral, que não apenas denuncia um sistema socioambiental que falha em ser verdadeiramente ecológico e integral, mas também nos convida a nutrir uma esperança e compromisso com a transformação. Esse diálogo propiciou diversas reflexões críticas, especialmente sobre a necessidade de repensar a nossa relação com o meio ambiente e com as comunidades que dele dependem.

Aprendemos que, como destaca Abreu (2021, p. 2), “viver ecologicamente significa viver em um estado de contemplação da natureza, em paz com a criação e com o Criador”. Essa ideia reforça a importância de uma conexão profunda e respeitosa com a natureza, que vai além da simples preservação ambiental, incorporando também dimensões espirituais e éticas.

Além disso, conforme Silva (2024, p. 25), a ecologia estuda as inter-relações entre os organismos vivos e seu ambiente, evidenciando que tudo está conectado. Esse entendimento nos leva a reconhecer que o desenvolvimento sustentável deve respeitar essas complexas interconexões, garantindo a renovação dos ciclos naturais de forma abundante e equilibrada.

A conversa estimulou uma escuta ativa de todos os participantes, favorecendo trocas de experiências e aprendizagens que ampliaram nosso olhar interdisciplinar, integrando aspectos ambientais, sociais e culturais.

Durante a visita à Igreja de Nossa Senhora Sant’Ana, além de contemplarmos a beleza arquitetônica do local, tivemos a oportunidade de ouvir histórias fascinantes sobre a origem daquela construção. Foi muito interessante para nós conhecermos as diferentes versões que circulam sobre como a igreja foi fundada.

De um lado, ouvimos a narrativa de que a igreja teria surgido a partir de um milagre: um raio teria caído na região, matando apenas uma galinha, o que foi interpretado como um sinal divino para a construção do templo. Por outro lado, conhecemos a história de que um coronel teria construído a igreja exclusivamente para suas 11 filhas, para que elas não se misturassem com outras pessoas, o que revela uma dimensão social e familiar na origem desse espaço.

Mais do que simples testemunhas do passado, as pedras que compõem essa edificação carregam significados profundos e uma forte relação com a história e o ambiente local. Silva (2020) explica que as pedras em Rio de Contas não foram apenas extraídas do solo para servirem de material construtivo, mas que elas constituem elementos ativos nesse complexo conjunto de forças que formam o lugar. Essa visão ajuda a compreender a igreja não só como um patrimônio físico, mas como um espaço vivo, imerso em processos históricos, sociais e culturais.

Além disso, as narrativas locais também revelam aspectos menos conhecidos, como as condições difíceis enfrentadas pelos trabalhadores que construíram a igreja. Silva (2020) ressalta que os maus-tratos e a violência sofridas por esses trabalhadores ganham maior destaque do que qualquer ideia de excepcionalidade ligada à construção do monumento, trazendo à tona a face humana por trás do patrimônio.

Essas reflexões ampliam nossa compreensão sobre a igreja, mostrando-a como um espaço de memória, luta e resistência, que permanece presente na vida cotidiana da comunidade de Rio de Contas.

A visita à Comunidade Quilombola da Barra foi um dos momentos mais enriquecedores da nossa formação. Conforme destaca Capinan (2009, p. 154), a conquista dos direitos assegurados pelo Art. 68 da Constituição Federal de 1988 trouxe ao quilombo remanescente de Rio de Contas maior visibilidade e reconhecimento, tanto dentro quanto fora do município, além do acesso a direitos básicos como a educação formal. Durante a visita, aprendemos sobre a origem da comunidade no século XVIII e as várias formas de resistência frente à exclusão

histórica. Ouvimos relatos que revelam a dificuldade de acesso, pois no passado só era possível chegar à comunidade a cavalo, e a longa espera pela chegada da energia elétrica, que só ocorreu após anos de promessas não cumpridas e muita mobilização da própria comunidade. Além disso, o preconceito racial marcado pela segregação em espaços como as igrejas e a ausência de políticas públicas efetivas foram evidentes nas histórias compartilhadas.

Refletimos também sobre a importância da escola quilombola como espaço fundamental para a preservação da identidade e a permanência dos estudantes na comunidade, mesmo que em número reduzido. Atualmente, cerca de 70 famílias vivem na comunidade, dedicando-se principalmente ao cultivo de frutas, como manga, laranja e maracujá, cuja produção é comercializada nos municípios vizinhos. Chamou nossa atenção o relato sobre a migração dos jovens, que têm deixado o quilombo em busca de oportunidades fora ameaçando a continuidade dos vínculos culturais e familiares.

Visitamos a casa de artesanato local, onde foi possível conhecer a produção manual, preservada ao longo do tempo, com itens como bolsas e tapetes de crochê, além de uma variedade de alimentos, como biscoitos, licores, cachaças, doces tradicionais como a rapadura e até mesmo castanha de pequi. Cardoso (2014, p. 105) reforça que “o artesanato existe na comunidade desde seu surgimento, o ponto produzido desde os primórdios é o crivo rústico, técnica passada de geração a geração e aprimorada nos cursos realizados em âmbito local”. Essa prática artesanal não só representa um modo de subsistência, mas também um importante meio de resistência cultural e manutenção da memória coletiva da comunidade.

Quanto à religiosidade, embora a comunidade seja formada por descendentes africanos, as práticas de matrizes africanas sofreram forte repressão histórica, uma vez que os moradores foram forçados à conversão ao catolicismo. Atualmente, a fé católica predomina, tendo passado por processos de ressignificação que respeitam a identidade quilombola, mesmo que as manifestações religiosas tradicionais africanas tenham perdido espaço.

Por fim, a organização comunitária se fortaleceu por meio da associação local, que hoje conta com mais de 300 membros, representando uma importante articulação social e política

para a luta por direitos e pela valorização da cultura quilombola. Ouvir essas histórias foi fundamental para que compreendêssemos a profundidade da realidade vivida, marcada por luta, fé e uma constante busca por reconhecimento e dignidade.

Na Fazenda Vaccaro, fizemos uma trilha pela agrofloresta, onde pudemos observar a diversidade de plantações e plantas que existem no local. Também tivemos a oportunidade de visitar e tomar banho nas piscinas naturais, o que tornou a experiência ainda mais especial. Conhecemos um pouco mais sobre o processo de produção da cachaça artesanal feita na fazenda. Além disso, durante o almoço, tivemos o prazer de saborear uma deliciosa refeição preparada com ingredientes frescos, colhidos diretamente da horta orgânica da propriedade. Esse momento foi uma mistura de aprendizado e lazer, pois, além de desfrutarmos da beleza natural e do conforto do espaço, refletimos sobre práticas sustentáveis e a importância de uma convivência harmoniosa com o meio ambiente.

A experiência com a agrofloresta e a horta orgânica nos mostrou a importância de práticas sustentáveis e o cuidado com o meio ambiente. Observamos como a implantação dessas hortas é uma alternativa eficiente para aproveitar materiais ricos em matéria orgânica e fornecer alimentos de qualidade, contribuindo para a formação de uma consciência ecológica mais profunda (Souza; Vieira; Vestena, 2022, p. 30).

Nossa experiência reforçou o quanto é essencial valorizar e aplicar práticas sustentáveis, não apenas para preservar o meio ambiente, mas também como um caminho para uma educação comprometida com o futuro do planeta. Percebemos que, conforme Reis Júnior (2003, apud Joslin; Roma, 2017, p. 105), “preparar os educadores é preparar as novas gerações para agir com responsabilidade e sensibilidade, para recuperar o ambiente saudável o presente e preservá-lo para o futuro”. Assim, entendemos que a educação ambiental é peça-chave para promover uma convivência harmoniosa e responsável com a natureza.

4 O que levamos conosco

A aula de campo teve como propósito central promover a integração entre teoria e prática, possibilitando vivências e uma compreensão concreta dos aspectos históricos, ambientais, culturais e pedagógicos previamente estudados em sala de aula.

Durante as visitas, ficou evidente como os conteúdos acadêmicos ganham maior significado e profundidade quando aplicados em contextos reais, ampliando nossa percepção sobre a relevância da educação inclusiva, da valorização das culturas tradicionais e da sustentabilidade ambiental. Além disso, a experiência destacou a acessibilidade como um direito fundamental, imprescindível para garantir a participação efetiva e equitativa de todos os indivíduos nos espaços sociais e educativos.

Essas vivências foram essenciais para nossa formação enquanto futuros educadores críticos, sensíveis às demandas sociais e ambientais, e comprometidos com uma prática pedagógica capaz de promover transformação e inclusão nos territórios onde atuaremos. Dessa forma, a aula de campo cumpriu seu papel ao fortalecer não apenas nosso conhecimento, mas também a empatia e o compromisso ético, elementos indispensáveis para uma atuação profissional responsável e engajada.

Sair dos muros da universidade e estar em contato direto com realidades concretas foi fundamental para ampliar nossos horizontes de aprendizagem. A aula de campo nos permitiu perceber a complexidade dos contextos sociais, culturais e ambientais, mostrando que o papel do educador ultrapassa o ensino formal, exigindo sensibilidade, escuta ativa e respeito às diversidades presentes nas comunidades. Essa experiência prática consolidou a compreensão de que a formação docente verdadeira ocorre também fora da sala de aula, na vivência e na interação com o mundo real, preparando-nos para enfrentar os desafios e contribuir de forma mais significativa para a transformação social e educacional.

REFERÊNCIAS

ABREU, Helen Teixeira Sousa. O que quer dizer viver uma Ecologia Integral? Reflexões de Papa Francisco e Monsenhor Bruno-Marie Duffé. **Cadernos de Fé e Cultura**, [S. l.], v. 6, p. 1–9, 2021. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/cadernos/article/view/5439. Acesso em: 8 jul. 2025.

CAPINAN, Ubiraneila. **O quilombo que remanesce**: estudo de caso acerca dos impactos da política pública de certificação e de titulação do território sobre a identidade étnica dos quilombos remanescentes Barra e Bananal em Rio de Contas, Bahia. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

CARDOSO, Cássia Eugênia Reis Silva. **O processo de construção identitária da comunidade quilombola da Barra – Rio de Contas/Bahia.** 2014. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

FERREIRA, Vicente de Paula. **Ecologia integral**: um caminho de esperança e cuidado da casa comum. Livramento de Nossa Senhora, BA: Ed. do Autor, 2024.

JOSLIN, Érica Barbosa; ROMA, Adriana de Castro. A importância da educação ambiental na formação do pedagogo: construção de consciência ambiental e cidadania. **Revista Ciência Contemporânea**, jun./dez. 2017, v. 2, n. 1, p. 95-110. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31. Acesso em: 8 jul. 2025.

KRAEMER, Graciele Marjana; THOMA, Adriana da Silva. Acessibilidade como condição de acesso, participação, desenvolvimento e aprendizagem de alunos com deficiência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 554-563, jul./set. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-3703000062018. Acesso em: 8 jul. 2025

LIMA, Letícia Bianca Barros de Moraes; DUARTE, Donária Coelho. Políticas públicas de acessibilidade em turismo no Brasil. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 27, e20333, jan./dez. 2025. Disponível em: https://dx.doi.org/10.14210/tva.v27.20333. Acesso em: 8 jul. 2025.

SILVA, Jean Pierre Pierote. Pedras, cidade e patrimônios: modos de subjetivação e materialidades em Rio de Contas/BA. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 21, n. 54, p. 116-137, set. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1984-1191.103775. Acesso em: 8 jul. 2025.

SOUZA, Lucas Crecencio de; VIEIRA, Licielo Romero; VESTENA, Silvane. Desenvolvendo a sustentabilidade com a construção de uma horta orgânica em um estabelecimento de ensino. **Experiência – Revista Científica de Extensão**, Santa Maria, RS, v. 8, n. 2, p. 28-40, 2022. Disponível em: https://revistaexperiencia.com.br/index.php/revistaexperiencia/article/view/212. Acesso em: 8 jul. 2025.